

Quadro teórico

Após a contextualização do objeto com o qual trabalhamos, o artigo de opinião, entramos na explicitação de como vemos esse objeto, ou seja, que ponto de vista teórico sustenta nossas análises.

Como já assinalado, este trabalho se apóia nos pressupostos teóricos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli para o estudo da modalidade lingüística. Apesar de termos considerado os dados dessa teoria como fundamentos centrais para a análise e descrição dos enunciados, partimos do pressuposto de que o trabalho do pesquisador tem um compromisso com o discurso metalingüístico e a expressão contextualizadora, buscando os recursos da polifonia textual e da intertextualidade, indispensáveis à constituição e à transmissão do saber científico. Assim, muitas vezes, recorreremos a argumentos que se explicam em outros contextos teóricos sem, contudo, conflitar com o fundamental da teoria lingüística culioliana.

Apesar de ainda pouco conhecida no Brasil, a teoria enunciativa de Culioli tem merecido o reconhecimento de sua importância para o desenvolvimento dos estudos da enunciação ao lado de lingüistas europeus de renome. Assim, no dizer de Maingueneau (1996, 44):

uma lingüística da enunciação vem sendo desenvolvida na Europa que se organiza a partir dos traços lingüísticos que os sujeitos falantes deixam em seus enunciados. Prefigurada por lingüistas como Charles Bally (**Lingüística geral e lingüística francesa**, 1932), concebida nos anos 50 e 60 ao lado de Émile Benveniste (**Problemas de lingüística geral**, 1966) e de Roman Jakobson (**Ensaio de lingüística geral**, 1966), essa lingüística da enunciação se interessa pela modalidade, pelos tempos verbais, pelas pessoas lingüísticas etc, mostrando como o sujeito falante mobiliza com proficiência o sistema da língua quando ele profere uma enunciação. Na França, a teoria de Antoine Culioli sistematiza essa abordagem.

Bouacha (1999, 26) também se refere à teoria de Culioli, dizendo que é uma teoria lingüística que trabalha com as operações, predicativas e enunciativas, seguindo de perto a lógica natural que J.-B. Grize e seus colaboradores definem

como o sistema operatório subjacente à representação discursiva, realizada pelo sujeito numa situação (Bouacha, 1999, 26).

Podemos iniciar as explicações teóricas, ratificando que os textos¹² produzidos em língua natural constituem-se de enunciados e, a partir da análise dos aspectos semântico-enunciativos, pode-se compreender melhor a estruturação desses textos e contribuir para uma investigação que sistematize os fatos lingüísticos e oportunize a pesquisadores evidenciar o funcionamento de uma língua.

Culioli (1983, 79) mostra que a lingüística tem um duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. A linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, é diferente das línguas, que são sempre particulares e variáveis. Culioli diz que a atividade da linguagem manifesta-se de forma diferenciada na diversidade das línguas.

Assim, quanto ao tratamento a ser dado aos estudos lingüísticos, a teoria enunciativa visa a descrever e explicar os fenômenos lingüísticos na sua generalidade e na sua globalidade. Assim considerando, pode-se concluir que toda a construção metalingüística (atividade do lingüista) é subordinada à enunciação.

Tendo em vista a utilização, em diferentes correntes teóricas, do termo *enunciação*, faz-se mister explicitar como é definido na abordagem de Culioli.

O conceito de enunciação não se refere a um acontecimento singular em que um enunciado é proferido, ou seja, não é uma situação de interlocução. Distingue-se entre enunciação e locução, precisamente porque se considera que o enunciativo é interno à língua – uma configuração complexa de parâmetros abstratos a partir dos quais se constrói o cálculo referencial interno ao enunciado (Vogüé, 1991, 39).

Por ser de abordagem semântica, esta teoria busca evidenciar a questão da significação nos enunciados, nos textos, tomando como ponto de partida a sua construção/reconstrução enunciativamente. Assim, o termo *significação*

¹²Valem ser lembrados outros conceitos de texto. Fonseca (1992, 105), por exemplo, diz: Lembrarei sumariamente que Texto constitui uma unidade semântica global (...) e se realiza numa seqüência de Ens (Enunciados) interligados”. Para Geraldi (1997, 101): “(...) um texto é uma seqüência verbal escrita formando um todo acabado, definitivo e publicado”.

está associado ao de enunciado e inclui, além do sentido da relação predicativa que lhe é subjacente, os valores referenciais das diferentes categorias gramaticais. De uma relação predicativa com determinado sentido deriva um conjunto teoricamente não finito de enunciados, cada um dos quais tem uma significação. (Xavier & Mateus, versão eletrônica).

Na apresentação dos pressupostos desta teoria, é necessário dizer que a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli rejeita três oposições clássicas em Lingüística, pertinentes a outras teorias da enunciação¹³, como nos mostra Fuchs (1984, 77):

(...) rejeição da oposição língua/discurso (em prol de uma problemática da linguagem e das línguas); rejeição da oposição sintaxe/semântica/pragmática (em prol de uma problemática das operações predicativas e enunciativas); rejeição, enfim, da oposição função referencial/funções intersubjetivas (em prol de uma problemática da co-enunciação).

Considerando esses aspectos, Culioli constrói sua teoria enunciativa na qual destaca as dimensões cognitivas da linguagem, dando-lhes uma autonomia relativa, quando introduz o conceito de *noção*, que está na base da construção/reconstrução da significação.

Uma noção é definida em intensão e, como tal, é estritamente qualitativa. Dessa forma, a noção pode ser representada como um predicável: uma noção /P/, pode então ser reformulada como /() ser P/, sendo o objeto a predicar representado pelos parênteses. (Moreno, 2000, 166)

Segundo Culioli (1982), a noção se constitui de um sistema complexo de representações que se estrutura de feixes de propriedades físicas e culturais. As noções são apreendidas e estabilizadas por meio de ocorrências lingüísticas.

Com esse conceito, Culioli objetiva dar conta da complexidade de toda a enunciação e permite dar maior *insight*, particularmente, no tratamento da modalidade.

A *noção* é um conceito que se assemelha ao que em outras teorias se designa por *conceito*, mas com suas especificidades. Assim, no dizer de Costa (1996,13),

¹³Destaco o trabalho de Correia (1998, 31-52), em que a autora apresenta um confronto da Teoria de Culioli com outras hipóteses teóricas, como a Teoria da Enunciação, de Benveniste, a Teoria das Posições (Milner, 1991) e as propostas de Auroux (1991 e 1995).

Culioli aventurou-se a substituir “conceito” por “noção” basicamente com dois objetivos em mente: (a) escapar da interpretação de conceitos como universais, ou seja, como classes de propriedades gerais; e (b) caracterizar um objeto lingüístico que sustente o jogo da intensionalidade/extensionalidade.

A *noção* é ainda um conceito culioliano que se situa na fronteira entre a lingüística e outras ciências, como, por exemplo, a Antropologia e a Psicologia, caracterizadas, como a lingüística, por terem como objeto de estudo uma atividade simbólica. Decorrente do conceito de *noção*, temos o de *domínio nocional* que representa uma classe de ocorrências abstratas, tornando a noção potencialmente quantificável.

O domínio nocional se constitui, em termos qualitativos, das seguintes zonas: um interior (I), um exterior (E) e uma fronteira (F), que pode ser constituída pela possibilidade de ocorrência simultânea de I e E.

Resumindo, topologicamente, o domínio nocional, temos:

- a) uma zona Interior (I), com um centro atrator, onde se situam as ocorrências validadas;
- b) um Exterior (E), onde se situam as ocorrências não validadas;
- c) uma zona Interior-Exterior (IE), anterior a toda a validação e compatível com I ou com E;
- d) e uma Fronteira (F), que pode ou não ser construída lingüisticamente.

Para melhor compreender o domínio nocional, devemos ter claro que a zona Interior constitui uma classe aberta de ocorrências no sentido em que não é possível estabelecer uma primeira e uma última ocorrência que validem a noção: as ocorrências são indiscerníveis porque todas partilham as propriedades que definem intensionalmente o domínio (Moreno, 2000, 166).

Exemplifiquemos, então, a construção das zonas do domínio nocional:

- (1) a. Você quer ir ao cinema no domingo?
- b. Ah, quero. (localização em I, aproximando-se do centro atrator)
- c. Não, não quero ir, obrigado. (localização em E)
- d. Ah, ainda não posso decidir, não sei se quero ou se não quero.
 (localização em IE)

Em (1)a., um enunciador construiu uma relação predicativa $\langle r \rangle$, sem validá-la, sob a forma de uma interrogação, transferindo a validação para os co-enunciadores, que passam de co-enunciadores a enunciadores. A ocorrência $\langle r \rangle$ situa-se, assim, em IE.

No enunciado (1)b, o co-enunciador, e novo enunciador, valida a relação predicativa situando a ocorrência construída no interior do domínio nocional.

Em (1)c., esse co-enunciador não valida a relação predicativa situando a ocorrência construída num outro espaço, o exterior.

E em (1)d. localiza a ocorrência na possibilidade das duas zonas, constituindo-se o terceiro espaço que é o IE, em que nenhuma das duas zonas foi escolhida, mas também nenhuma das duas foi descartada.

As três zonas, assim, não coexistem simultaneamente e construir IE não exclui nem I nem E (Franckel e Lebaud, 1990, 223).

Com o conceito de domínio nocional, pode-se dar conta dos diferentes valores modais. Quando se constroem enunciados localizando a relação predicativa no interior ou no exterior (com a negação) do domínio nocional, podem ser construídas as diferentes possibilidades modais. A saber:

- (2)a. Aquele rapaz é um estudante.
- b. Talvez aquele rapaz seja um estudante.
- c. É possível que aquele rapaz seja um estudante.

No exemplo (2)a., temos uma relação predicativa validada numa asserção. Já os exemplos (2)b. e (2)c. nos indicam as diferentes possibilidades modais atribuídas à relação predicativa construída. Nesses dois últimos exemplos as ocorrências são localizadas em IE.

A partir de uma proposta baseada na representação de níveis (meta) lingüísticos, Culioli (1982) propõe que atividade lingüística seja perspectivada de acordo com o seguinte modelo:

Nível I: representação da atividade de linguagem – mecanismos (noções e operações) que são subjacentes à construção/reconstrução da significação.
Nível não acessível ao lingüista.

Nível II: representação lingüística – são os traços observáveis nas diversas línguas naturais, representando os diferentes mecanismos (noções e operações) do nível I. São os textos nas línguas naturais.

Nível III: representação metalingüística – nível que corresponde aos diferentes domínios da lingüística e faz a relação entre os níveis I e II.

O texto em língua natural (nível II), como objeto de estudo, é concebido como representação de um determinado estado de coisas, localizando-se num sistema de coordenadas espaço-temporais, construído na e pela enunciação.

São definidos dois parâmetros enunciativos: um enunciador – aquele que constrói o espaço da significação – e um co-enunciador – aquele que reconstrói a proposta enunciativa do enunciador. Ou seja, a atividade da linguagem é uma atividade significante.

Numa perspectiva de produção, a significação é construída; numa perspectiva de reconhecimento, ela é reconstruída. Entender dessa forma significa compreender todo o processo subjacente à complexidade da construção das formas lingüísticas.

Culioli dá conta dessa atividade dupla (produção/reconhecimento), distinguindo, na atividade de linguagem, três vertentes interdependentes: atividade de representação, atividade de referenciação e atividade de regulação (Culioli, 1990, 14).

A atividade de representação se efetiva a partir do encadeamento de operações, não necessariamente seqüencial, que estabelecem níveis diferentes. É oportuno destacar que as marcas lingüísticas são traços das operações.

Dessas operações, destaca-se, então, a operação básica, que Culioli designa por *opération de repérage*, ou operação de localização abstrata.

Enquanto a atividade de representação se constitui de um encadeamento de operações, a atividade de referenciação se constitui de um sistema referencial em que se localiza o construído-reconstruído pela atividade de representação. Os objetos lingüísticos construídos/reconstruídos, na atividade de representação, serão localizados, então, na atividade de referenciação que se constitui de um sistema referencial, estabelecendo um espaço intersujeito indispensável à construção/reconstrução da significação de enunciados.

A atividade de regulação constrói ajustamentos entre os sujeitos da enunciação, tanto no nível da representação, quanto no nível da referenciação. Constroem-se, em vista disso, os ajustamentos necessários entre enunciador e co-enunciador, já que na origem da significação estão as representações cognitivas de cada indivíduo. A significação, assim, reconstruída raramente coincidirá inteiramente com a significação construída.

No modelo de Culioli, a construção da significação é o resultado de sucessivas relações binárias de localização abstrata. Essas relações binárias são construídas por operações de localização em que há um termo 'a', o termo localizado, e um termo 'b', o localizador.

O marcador metalingüístico de localização abstrata é designado por $\underline{\epsilon}$ (*epsilon* sublinhado). As sucessivas localizações que incidem sobre um termo vão determiná-lo cada vez com maior precisão. Por isso, é uma teoria da localização e uma teoria de enunciação. Sobre esta última, já mostramos anteriormente por que é considerada dessa forma.

Diz-se que é uma teoria da enunciação, porque é o enunciado o seu objeto de estudo, mas enunciado não é entendido como um ato de linguagem individual, e sim como um agenciamento de formas cujos mecanismos podem ser analisados num sistema de referência, munido de um contexto explícito e de contornos prosódicos (Culioli, 1999a, 61).

A enunciação, como já nos referimos, apresenta um caráter assimétrico: o enunciador, que constrói a significação, e o co-enunciador, que reconstrói a significação. E construir/reconstruir a significação de um enunciado significa atribuir um sentido a uma relação predicativa acrescentando-lhe valores referenciais das diferentes categorias gramaticais.

Vale acrescentar que a teoria culioliana da enunciação não é uma teoria pragmática, pois todo agenciamento de formas é de ordem do enunciativo e os mecanismos enunciativos da análise não são externos à língua. Aliás, mesmo outras teorias de enunciação, como a teoria da enunciação de Benveniste, se opõem aos conceitos da pragmática, tendo em vista esta última, de uma forma geral, identificar três tipos de estudos: os estudos dos atos de fala; os estudos dos mecanismos conversacionais; e o estudo das pressuposições.

Sobre a teoria de Benveniste, Guimarães (1998, 110-111) nos fala:

Para Benveniste a constituição do sujeito, diferentemente da pragmática, é lingüística, o EGO é quem diz “eu”. E dizer “eu” é, nos seus termos, apropriar-se da língua, é enunciar. Ao contrário disso o sujeito pragmático é o sujeito que tem intenções e, no momento da enunciação, as comunica por aquilo que diz.

Assim, os estudos enunciativos culiolianos se distinguem, principalmente pelo que passamos a expor, de aspectos teóricos pragmáticos.

Para teoria enunciativa, identifica-se uma situação de enunciação, definida pelos parâmetros sujeito-enunciador e tempo-espço da enunciação, que se constituem primitivos teóricos da teoria enunciativa.

A situação de enunciação origem é uma situação abstrata, um conceito metalingüístico definido pelos parâmetros enunciativos teóricos S_0 e T_0 , e não uma situação real definida por um sujeito e um tempo historicamente determinados.

Assim, a construção da significação se realiza num sistema referencial que é um sistema complexo de coordenadas enunciativas e inclui, em primeiro lugar, a própria situação de enunciação $Sit(S_0, T_0) - Sit_0$, para comodidade de escrita – localizador absoluto, origem de todas as determinações de tempo e espaço construídas na e pela enunciação.

A partir da situação de enunciação origem, S_0 constrói outras situações de enunciação – a situação de locução Sit_1 , definida pelas coordenadas S_1 e T_1 , a situação Sit_2 definida pelas coordenadas S_2 e T_2 do acontecimento lingüístico construído.

Esse é o sistema referencial mínimo, constituído por um encadeamento de operações de localização em cascata que pode ser compreendido da seguinte forma:

Sit_2 é localizado em relação a Sit_1 , que, por seu turno, é localizado em relação a Sit_0 .

Simboliza-se esse encadeamento pela seguinte expressão metalingüística:

$$\langle \text{Sit}_2 (S_2, T_2) \in \text{Sit}_1 (S_1, T_1) \in \text{Sit}_0 (S_0, T_0) \rangle,$$

que pode ser identificada no seguinte enunciado:

Paulo disse que Maria não vai à escola.

$Sit_0 \rightarrow$ situação não empírica, abstrata:

$\langle \text{Paulo dizer } \langle \text{Maria (não) ir escola} \rangle \rangle$

Sit₁→ situação de locução, na qual o sujeito modal (não marcado lingüisticamente, representado por S₁) constrói o enunciado;

Sit₂→ situação do acontecimento lingüístico, na qual Paulo (marcado lingüisticamente por S₂) constrói o enunciado “Maria não vai à escola”.

Dessa forma, um dos aspectos importantes da teoria culioliana é a introdução de parâmetros enunciativos na descrição formal dos enunciados: todo enunciado é o produto de um encadeamento de operações de localização, sendo os parâmetros enunciativos sujeito e espaço/tempo da enunciação termos localizados e termos localizadores, respectivamente, nessa cadeia de operações, a não ser Sit₀ que só é localizador metalingüístico.

Resumindo essas considerações teóricas iniciais, destacamos que a construção final de um enunciado consiste em o enunciador escolher todas as determinações que, a seguir, explicitamos:

- o enunciador escolhe para o enunciado uma primeira modalidade: asserção ou asserção negativa, ou interrogação, do certo ou não certo etc;
- o enunciador escolhe o aspecto para dizer como ele vê o desenrolar do processo verbal;
- o enunciador escolhe a localização temporal;
- enfim, o enunciador escolhe a forma de determinar os nomes.

A escolha da voz, da modalidade, do tempo, do aspecto constitui as determinações efetivadas sobre o verbo. Na relação operada com o verbo, o enunciador efetiva as determinações sobre o nome: estes dois tipos de determinação não devem evidentemente ser contraditórios, do contrário poderíamos não construir um enunciado bem formado sintática, semântica e enunciativamente.

Outro aspecto a ser considerado no estudo da modalidade e, mais particularmente para este trabalho, tem a ver com o inter-relacionamento dessa categoria gramatical com as de *tempo* e *aspecto*. Isso se justifica, principalmente, no fato de que um enunciado não é construído/reconstruído fora da situação de

enunciação, ou seja, a temporalidade, a aspectualidade e a modalidade estão ligadas à enunciação. Razão pela qual essas três categorias só podem ser abordadas do ponto de vista global, contrariamente aos preceitos da gramática tradicional ou da lingüística estrutural. (Almeida, 2001, 47)

O estudo tradicional e alguns estudos lingüísticos sobre o verbo não tratam da questão do inter-relacionamento tempo, modalidade e aspecto com muita clareza ou com o estatuto que esse fenômeno deveria ser observado. Também vendo dessa forma, Rojo (1990) assevera que a distinção entre aspecto e modalidade de ação (no sentido Aktionsart¹⁴) é uma das mais confusas em Lingüística :

Coseriu (1980, 18) ha señalado con toda claridad el origen de buena parte de las discrepancias: con mucha frecuencia, la distinción era manejada con total dependencia de los hechos eslavos, esto es, llevando en paralelo de un lado los distintos modos de contemplar la acción verbal y la utilización de procedimientos gramaticales y, de otro, formas “objetivas” de desarrollo de la acción verbal y distinciones en el léxico.

Além das questões de conceituação, existem, igualmente, considerações concernentes à nomenclatura, o que podemos comprovar em Perini (1995, 252/253):

Fala-se, tradicionalmente, de “tempos” e “modos” verbais, e os nomes de certos tempos verbais incluem termos como “perfeito”, “imperfeito”, que são em geral usados para designar aspectos. Além disso, a nomenclatura tradicional não distingue o lado formal do lado semântico do fenômeno; e, na área de tempos, aspectos e modos, a discrepância entre forma e significado é muito grande.

Esse autor evidencia como discrepância os seguintes aspectos dos estudos verbais: “(a) o tempo chamado ‘presente do indicativo’ nem sempre se refere a um fato que se está dando no momento presente; (b) nenhuma categoria semântica conhecida é expressa com exclusividade pelas formas do ‘modo subjuntivo’; (c) o aspecto imperfectivo pode ser veiculado por muitas formas que não são chamadas ‘imperfeito’”.

¹⁴Aktionsart (modo de ação) é utilizado em oposição Aspek (aspecto). O termo Aktionsart representa uma compreensão mais ampla das noções aspectuais, ou seja, não considerando apenas as noções aspectuais de perfectividade e imperfectividade.

A proposta de Perini, para dar conta da discrepância acima citada, é distinguir o *tempo verbal* do *tempo semântico*. Ao primeiro cabe a categoria morfológica, formal; ao segundo, a categoria de significado. E exemplifica:

Em ‘amanhã eu faço isso para você’, a forma ‘faço’ exemplifica o tempo verbal chamado ‘presente (do indicativo)’, mas veicula o tempo semântico ‘futuro’ – isto é, exprime um fato a se realizar em algum momento por vir. A forma ‘faço’ pode exprimir também eventos que não são futuros, como em ‘eu faço tapeçarias para vender’. Em resumo, a vinculação entre tempo verbal (morfológico) e tempo semântico é complexa; e é uma pena que tenhamos de referir-nos a ambos com a mesma palavra. Espero que a qualificação ‘verbal’ e ‘semântico’ evite confusão.

Perini, ao tratar de *aspecto*, diferencia, ainda, esse conceito do de *tempo semântico*, recorrendo à explicação dada por Comrie (1976, 3) e adaptando os exemplos para o português:

- (...)Vejam os seguintes pares de frases:
 (30) Meu tio escreveu um livro.
 (31) Meu tio estava escrevendo um livro.

O autor destaca que existe uma diferença semântica muito nítida entre essas frases, não se tratando, entretanto, de uma diferença na manifestação da referência temporal, pois as duas estão localizadas, semanticamente falando, no passado. Recorrendo a Comrie (1976, 3), Perini diz que os aspectos são ‘maneiras diferentes de encarar a constituição interna de uma situação’.

Boléo (1973, 5), num estudo sobre o *futuro*, mostra a importância de se diferenciar essas três categorias:

Para aclarar noções, convém recordar (...) que a diferença entre tempos e modos consiste em que os primeiros nos dizem, de forma objectiva, se uma acção se situa no passado, no presente ou no futuro, sem deixarem ver as disposições de alma do indivíduo que fala. (...) Os modos, ao contrário – como já os definiu Meillet – são “les formes au moyen desquelles est indiquée l’attitude mentale du sujet parlant par rapport au procès indiquée par le verbe”. (...) o modo serve para exprimir a ‘diátese’ da alma, ou sejam as disposições íntimas do indivíduo que fala. Quanto ao aspecto verbal, esse exprime a qualidade da acção, ou seja, essencialmente, a duração nas suas diferentes modalidades (...).

Neste trabalho não consideramos essas categorias isoladas umas das outras. Pelo contrário, evidencia-se a existência de um inter-relacionamento entre as mesmas. Vejam os exemplos.

Tempo e aspecto são indissociáveis, pois, ao representarmos por meio de um intervalo uma situação, operamos sobre dois espaços topológicos elementares: o do domínio nocional, que reenvia a propriedades topológicas de: interior, exterior, fronteira; e o da classe de instantes, que reenvia a propriedades topológicas: aberto, fechado, compacto (Culioli, 1999c, 185). Ou seja, todo enunciado é o resultado da localização de operações predicativas e enunciativas num espaço referencial, construído na e pela enunciação.

E, ainda, conforme já explicitamos anteriormente, Culioli, ao definir enunciado como o resultado de um encadeamento de operações, mostrou que o enunciado não é considerado como o resultado de um ato de linguagem individual, radicado num *hic et nunc* por parte de um enunciador qualquer (Franckel & Paillard, 1998, 52).

Ao localizar as relações predicativas, que se constituem uma organização sintática, num sistema referencial, por meio de operações enunciativas, o enunciador estará construindo também valores referenciais de voz, índices de pessoa, quantificação/qualificação, tempo, modo e aspecto.

Assim, na construção da significação de um enunciado, o valor referencial da categoria gramatical aspecto resulta da convergência de diversos fatores, a saber:

- (a) a natureza aspectual da relação predicativa, enquanto representação de um determinado estado de coisas;
- (b) um conjunto de operações agindo sobre a relação predicativa, ou seja, o ponto de vista – construído pelo locutor – que pode ser condicionado pela própria natureza aspectual da relação predicativa. Esse conjunto de operações é subjacente a uma grande diversidade de marcadores de determinação verbal e nominal.

Dessa forma, ao construir um enunciado, o enunciador estabelece uma inter-relação de tempo, modalidade e aspecto, já que os três resultam de operações enunciativas.

E, finalmente, para encerrar este capítulo, transcrevemos a seguir o gráfico nº 1, que nos apresenta uma ampla visualização da teoria enunciativa, elaborado

por Bouscaren, Moulin & Odin (1996, 14) e adaptado por Maria Henriqueta Costa Campos para o português:

Representação gráfica das operações fundamentais

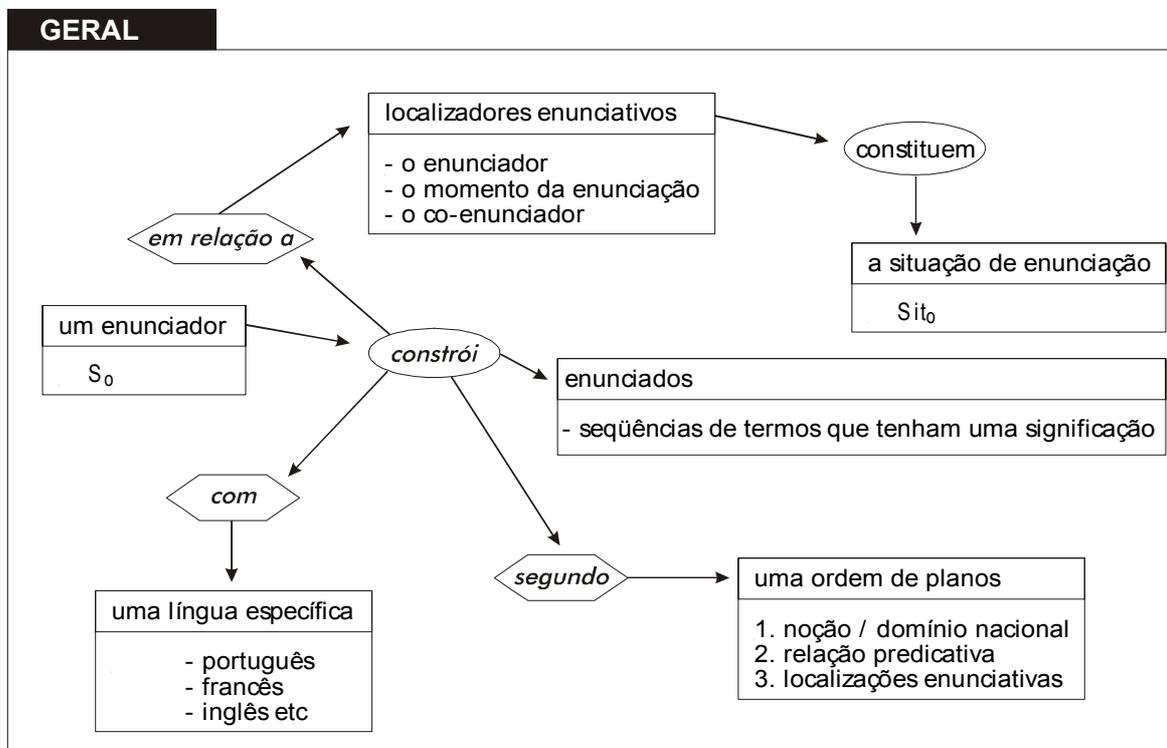


Gráfico nº 1: Representação gráfica das operações fundamentais.

O gráfico acima nos proporciona a seguinte leitura:

- Um enunciador (S_0) constrói enunciados (seqüências de termos que tenham uma significação), com uma língua específica .
- Essa construção segue uma ordem de planos, que inclui a noção (domínio nocional), a relação predicativa e as localizações enunciativas.
- Os enunciados são construídos em relação a localizadores enunciativos (enunciador, momento da enunciação e co-enunciador) constituindo a Situação de Enunciação (Sit_0).